

COMIDA, REMÉDIO

RENDA: CONHECIMENTOS E USOS

MUCURA (DIDELPHIS MARSUPIA

POR COMUNIDADES RIBEIRIN

DA VÁRZEA AMAZÔN

COMIDA, REMÉDIO,
RENDA: CONHECIMENTOS E USOS DA
MUCURA (DIDELPHIS MARSUPIALIS)
POR COMUNIDADES RIBEIRINHAS
DA VÁRZEA AMAZÔNICA

PIERRE DE AGUIAR AZEVEDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL

FLÁVIO BEZERRA BARROS

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, BRASIL

COMIDA, REMÉDIO, RENDA: CONHECIMENTOS E USOS DA MUCURA (*DIDELPHIS MARSUPIALIS*) POR COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA VÁRZEA AMAZÔNICA

Resumo

O presente trabalho apresenta resultados de pesquisa realizada em uma comunidade ribeirinha localizada na região das ilhas do município de Abaetetuba, Pará, Brasil. A partir de uma perspectiva etnoecológica, o estudo teve como finalidade compreender a relação existente entre os ribeirinhos e o seu meio ambiente, de onde são apropriados os recursos naturais necessários à subsistência e reprodução sociocultural. A pesquisa focalizou a “mucura”, enquanto recurso de caça para fins de alimentação, uso medicinal e comercialização. Além disso, foram observados alguns elementos de sustentabilidade integrados à atividade extrativa. Observação participante e entrevistas semiestruturadas foram os principais métodos empregados. Observou-se que os interlocutores são detentores de um rico e complexo conhecimento sobre os diferentes tipos de “mucura” e seus hábitos. Diferentemente do que ocorre com outras comunidades amazônicas, que mantêm uma relação hostil com a ‘mucura’, no nosso caso em tela o animal tem um valor cultural incontestável. A noção de etnobiodiversidade, neste contexto, é de suma importância para ser problematizada no Brasil, e em particular, na Amazônia, que possui uma das maiores reservas de diversidade biológica do mundo.

Palavras-chave: Etnoecologia, comunidades ribeirinhas, etnobiodiversidade, mucura, Amazônia.

FOOD, MEDICINE, INCOME: KNOWLEDGE AND USES OF THE COMMON OPOSSUM (*DIDELPHIS MARSUPIALIS*) BY RIVERINE COMMUNITIES OF THE AMAZON FLOODPLAIN

Abstract

This work presents results of a research developed in a riverine community located in the Amazon floodplain, in the region of the islands of Abaetetuba, Pará, Brazil. Adopting an ethnoecologic approach, the study sought to understand the relationship between the riverine inhabitants and the immediate environment, from which they acquire the natural resources necessary for their biological and sociocultural reproduction. The research focused on the common opossum (*Didelphis marsupialis*) as a food resource, its medicinal use, and market product. Some elements of sustainability integrated with this extractive activity were also observed. Participant observation and semi-structured interviews were the main methods used. Observations indicate that these riverine communities have a rich and complex knowledge on the different types of the opossum and their habits. Diversely from other amazonian communities, which maintain a hostile relationship to the opossum, in this case study the animal has a clear cultural value. In this context, the notion

of ethnobiodiversity is of paramount importance to be considered in Brazil, and particularly in the Amazon, which possesses one of the largest reserves of biological diversity in the world.

Keywords: Ethnoecology, riverine communities, ethnobiodiversity, common opossum, Amazonia.

COMIDA, REMÉDIO, RENTA: CONOCIMIENTOS Y USOS DE LA MUCURA (*DIDELPHIS MARSUPIALIS*) POR COMUNIDADES RIBEREÑAS DE LA VÁRZEA AMAZONICA

Resumen

El presente trabajo presenta resultados de una investigación realizada en una comunidad ribereña ubicada en la várzea amazónica, en la región de las islas del municipio de Abaetetuba, Pará, Brasil. Partiendo de una perspectiva etnoecológica, el estudio tuvo como finalidad comprender la relación existente entre los ribereños y su medio ambiente, de donde son apropiados los recursos naturales necesarios para su reproducción biológica y sociocultural. La investigación enfocó la “mucura”, como recurso de caza para fines de alimentación, uso medicinal y comercialización. Observamos también algunos elementos de sustentabilidad que están integrados a ésta actividad extractiva. La observación participante y entrevistas semi-estructuradas fueron los principales métodos utilizados. Observaciones indican que los ribereños son poseedores de un rico y complejo conocimiento sobre los diferentes tipos de “mucura” y sus hábitos. Diferente de lo que sucede con otras comunidades amazónicas, que mantienen una relación hostil con esta especie, en este caso el animal tiene un valor cultural indiscutible. La noción de etnobioidiversidad, en este contexto, es de suma importancia para ser problematizada en Brasil, y en particular, en la Amazonía, que posee una de las mayores reservas de diversidad biológica del mundo.

Palabras-clave: Etnoecología, comunidades ribereñas, etnobioidiversidad, mucura, Amazonía.

Endereço do primeiro autor para correspondência: Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal do Pará, Rua Augusto Corrêa, Nº 1, Cidade Universitária José da Silveira Neto, Guamá, CEP: 66.075-110, Belém, PA, Brasil. E-mail: pierreazevedo@hotmail.com

A ÁREA E O CONTEXTO DO ESTUDO

As ilhas que fazem parte de Abaetetuba, município localizado na mesorregião do nordeste do Estado do Pará, Brasil, onde a pesquisa foi realizada, junto à comunidade Maracapucu Sagrado Coração de Jesus (Figura 1), são, em parte, formadas por matas de várzea, um tipo de floresta de planícies inundadas sazonalmente característico da região amazônica. A comunidade está distribuída ao longo de três ilhas: Nazaré, Quianduba e Guajará, todas situadas no rio Maracapucu, que dá nome à comunidade, a qual fica a 30 minutos do centro de Abaetetuba. É constituída por mais de 130 famílias ribeirinhas, cujas casas ficam na beira do rio, sendo a maioria construída com madeira sobre palafitas. Essas famílias sobrevivem da pesca artesanal do camarão e do peixe, além da coleta do açaí (*Euterpe oleracea*), havendo outras atividades como a agricultura de subsistência, criação de pequenos e médios animais, fabricação de artesanato e trabalhos vinculados ao serviço público municipal. Abaetetuba é uma cidade de uma riqueza cultural impressionante; os mitos, a religiosidade e a diversidade de produtos oriundos dos recursos naturais locais, como os brinquedos de miriti, fazem dessa cidade um ícone do patrimônio cultural material e imaterial da Amazônia paraense.

Em vista disso, algumas especificidades são identificadas a partir da interação do ser humano com o meio ambiente, como os tipos de práticas produtivas possíveis nesta região, a exemplo do extrativismo

vegetal e animal. Dentre estas práticas, uma muito comum é a caça de animais, como os diferentes tipos de “mucura” (Mammalia, Didelphidae) que ocorrem na região; animais que compõem um grupo de mamíferos identificados pelos moradores da comunidade foco da pesquisa e que, segundo os interlocutores, seria o “carro chefe do caçador”, ou seja, a principal fonte de caça encontrada na localidade.

A partir de uma abordagem etnoecológica (Toledo & Barrera-Bassols 2009, Marques 2001) e considerando o conhecimento ecológico tradicional no momento em que comunidades humanas incorporam experiências dos processos do ambiente natural (Johannes 1989 apud Carvalho 2002), o contexto pesquisado apresenta informações que colaboram com estudos sobre a conexão sociedade/natureza no contexto amazônico, de onde se percebe a existência de uma megabiodiversidade importantíssima social e culturalmente. Na perspectiva da etnobiodiversidade que, segundo Diegues & Arruda (2001) seria a participação humana na biodiversidade, neste caso, amazônica, os resultados que apresentamos neste trabalho demonstram a importância de se estabelecer um diálogo entre o conhecimento científico e o conhecimento *folke*, este último expresso na sabedoria local daqueles atores que integram a comunidade estudada. Portanto, este ensaio tem como objetivo apresentar algumas informações acerca dos conhecimentos e usos da mucura pelos ribeirinhos da região, bem como das práticas de caça utilizadas pelos atores locais.

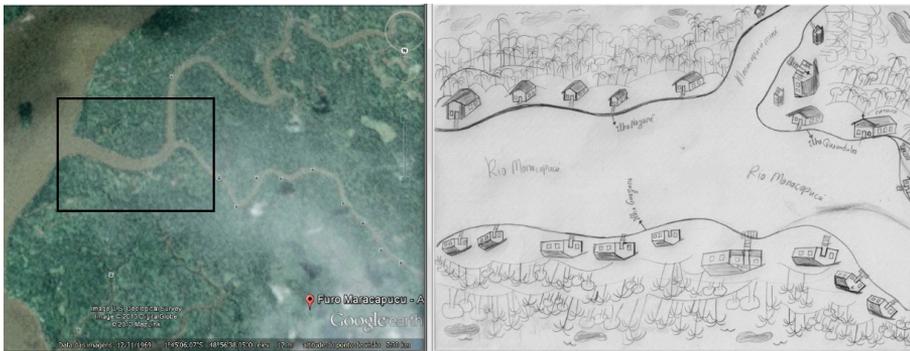


Figura 1 – Imagem de satélite (Google Earth) e croqui (desenho elaborado por Adelson, 26 anos, em 11/12/2012) da localidade Maracapucu Sagrado Coração de Jesus, Abaetetuba, Pará.

OS MÉTODOS

A pesquisa foi desenvolvida a partir da técnica da observação participante (Spradley 1980), método de investigação tipicamente desenvolvido no campo das Ciências Sociais, que consiste na experiência de conviver com a população que se quer conhecer, percebendo suas interações e atividades cotidianas. Realizamos igualmente entrevistas semiestruturadas (Huntington 2000) com a utilização de questionário pré-definido, tendo em vista o método analítico da união das diversas competências (Marques 2001), que considera todas as informações apresentadas pelos entrevistados, mesmo que tenham sido relatadas por apenas um interlocutor. Para a identificação científica das espécies de mucura, utilizamos o auxílio da literatura especializada (Emmons 1997) e apresentamos fotografias contidas no Guia de Mamíferos Neotropicais para que os interlocutores pudessem confirmar a ocorrência ou não das espécies na localidade. Para cada tipo de mucura citada nas entrevistas, solicitamos que os interlocutores relatassem características, modos de

vida e locais de preferência dos animais, o que facilitou bastante na diferenciação das etnoespécies. Também solicitamos que as pessoas fizessem desenhos das mucuras, bem como construíssem um mapa mental da localidade (ver Figura 1).

SOBRE O CONHECIMENTO LOCAL DA COMUNIDADE RIBEIRINHA

QUANTO À 'MUCURA' (MAMMALIA, DIDELPHIDAE)

De acordo com a etnotaxonomia local, existem diversos tipos (etnoespécies) de mucura, que os moradores da comunidade, nas três ilhas pesquisadas, diferenciam a partir de suas características morfológicas (formato da cauda, coloração do pelo, tamanho do corpo, forma dos olhos, dentre outras), hábitos e locais de ocorrência, bem como o peso aproximado do animal, variando de 1 kg, quando este é de menor porte ou em fase primeva, até 5 kg, quando o animal se encontra na fase adulta e, segundo os entrevistados, preferível para o abate na hora da caçada.

Todos esses animais são de modo geral denominados de “mucura”, mas diferenciados com um segundo nome. Com o auxílio da literatura (Emmons 1997), das observações realizadas durante as visitas a comunidade e das entrevistas, pudemos perceber a diversidade de nomenclaturas que são atribuídas às diferentes etnoespécies de mucura, por exemplo, *mucura do fundo*, *mucura branca*, dentre outras. Por isso, foi necessário que definíssemos o objeto de estudo em conformidade com as informações obtidas durante as entrevistas, visto que na localidade ocorrem cinco etnoespécies de mucura, o que pode ser corroborado com Emmons (1997), que cita cinco espécies de didelfídeos para a região. Então, como parte do fundamento da pesquisa foi identificar e descrever as características dos animais elencadas pelos interlocutores, percebemos que uma espécie em particular era a preferida para os diversos usos.

Esta espécie é a chamada “*mucura preta*” (*Didelphis marsupialis*), da família *Didelphidae*, sendo conhecida com diferentes nomes vernaculares em outras partes do Brasil (gambá, timbu, cassaco, sariguê, micurê, tacaca etc) (Figura 2). Trata-se de um animal marsupial, isto é, as fêmeas carregam seus filhotes em uma espécie de bolsa chamada de marsúpio, possui hábitos noturnos, geralmente solitário, provido de um mecanismo de defesa por meio da expulsão de um líquido de odor forte produzido por glândulas axilares que serve para afastar potenciais predadores (Emmons 1997). Este mecanismo acaba por ser uma das principais

características elencadas pelos interlocutores, sendo o odor chamado de “catinga” na linguagem local. Tal característica acaba por lhe conceder a má fama de animal imundo, além de ser conhecido como predadores de aves domésticas em algumas regiões, fazendo com que sejam abatidos por possuir tais comportamentos e características, ao passo que em outras localidades da Amazônia, como no caso de Abaetetuba (Pará), a relação das pessoas com este animal é harmoniosa. Em termos de conservação, esta espécie é considerada pouco preocupante, com uma população estável (IUCN 2013).

De acordo com o conhecimento local e o convívio direto dos ribeirinhos com o animal, e neste caso a “mucura preta”, algumas considerações foram tomadas como indicativo da interação das pessoas com o meio ambiente a partir de uma dimensão etnoecológica sobre uma “sabedoria tradicional” (Toledo & Barrera-Bassols 2009), onde alguns hábitos do animal são descritos ensejando a prática da caça.



Figura 2 – Mucura capturada por um ribeirinho na Comunidade Maracapucu Sagrado Coração de Jesus, em Abaetetuba, Pará. Foto: Pierre Azevedo.

Foi relatado por parte dos interlocutores que costumeiramente a mucura pode ser encontrada em locais específicos: como, em época de verão, no “cofó do miritizeiro” (na copa do miritizeiro [*Mauritia flexuosa*], palmeira típica da região) ou no alto de outras árvores frutíferas das quais são consumidos seus alimentos, posto que segundo estes relatos a principal fonte de alimento do animal são as frutas, dependendo da época de safra de cada uma; ou, no inverno, nos “buracos de pau” ou “oco de árvores”. Mas que em época de cheia, quando a maré está alta, ela não é encontrada em partes baixas, próximas ao solo, justamente por esta região se tratar de uma área de várzea, um ecossistema que tem como principal característica a inundação sazonal do solo.

Os ribeirinhos relataram que a mucura somente aparece em horários específicos, quando então é possível encontrá-la. Por ser este um animal de hábitos noturnos dizem que pela parte da manhã é encontrado nos locais descritos acima, adormecidos, e pela parte da noite estão mariscando (termo local utilizado para se referir a mucura quando ela está em atividade, na procura de alimentos) ou na “vadiação” (na busca de parceiros quando na época de reprodução). A disposição em encontrá-las tanto durante o dia como a noite varia em consonância com a preferência e necessidade do caçador, além de sua competência para a captura do animal. Falaremos deste item a seguir.

A PRÁTICA DA CAÇA DA MUCURA

Quanto às preferências do caçador, a opção pela caçada em determinado horário do dia, por exemplo, varia de acordo com as estratégias utilizadas por ele, sendo os hábitos do animal determinados conforme o horário do dia. Algumas técnicas podem ser aproveitadas para que tanto em um como em outro horário – manhã ou noite – o caçador seja bem sucedido na captura da presa.

A tática mais comumente utilizada é o uso das habilidades físicas do caçador bem como seus conhecimentos sobre o animal e seu ambiente, sendo que a atividade da caça é praticada na maioria das vezes por homens. Quando os caçadores optam por caçar pela parte da manhã, quando o animal está em repouso nos locais de costume, se utilizam de materiais que facilitam a sua empreitada: como a “peconha”, que é um utensílio artesanal usado como um cinto nos pés produzido com fibras orgânicas e que facilita a subida no alto das árvores. Neste caso a captura é feita com as próprias mãos, podendo ainda os caçadores se utilizarem de ganchos ou terçados (facões) para extrair o animal das cavidades.

Pela parte da noite, em que a luz do sol já não mais ilumina os caminhos do caçador e o animal desperta para que possa exercer suas atividades como alimentação, reprodução etc., as técnicas utilizadas são outras, demonstrando assim que o conhecimento tradicional não é algo estático e tem suas transformações baseadas a partir do envolvimento do ser humano com o ambiente do qual faz parte (Frazão-Moreira

2010), conhecimentos os quais vão sendo reinventados em consonância com as necessidades impostas pela natureza. Mesmo que a habilidade física do caçador ainda colabore com a tarefa, outros artifícios são postos em prática, como o uso de lanternas para iluminar e a arma de fogo, neste caso a espingarda, para abater a caça.

É interessante observar que o uso da lanterna facilita muito a identificação do animal, seja para descobrir se é macho ou fêmea, ou se carrega filhotes. Outra particularidade mencionada foi o reconhecimento da mucura por meio da coloração avermelhada brilhante que aparece nos olhos, que difere do reflexo de outros animais encontrados na mata. Muitos dos entrevistados relataram que a experiência na caça acaba facilitando essa identificação para o cuidado na hora do abate e também a percepção sobre os comportamentos típicos do animal. Em muitas oportunidades relataram que preferem ir à caça acompanhados, seja de amigos e familiares, ou mesmo de um cachorro caçador, que de maneira específica de acordo com a raça do cão, teria uma maior facilidade em ajudá-los. Uma particularidade foi apresentada quanto ao horário da noite, pois em “dias de luar”, ou seja, lua cheia, fica mais difícil a caçada, pois a luz emitida acaba por facilitar que a mucura visualize o seu predador e então se coloque em retirada.

Outra técnica é o uso do “mundé”, uma espécie de armadilha artesanal construída com materiais encontrados no próprio ambiente, como paus, varas e cipós. No entanto, esta estratégia

acaba por ser a menos utilizada atualmente, visto que por ela ser preparada num dia para que no outro o caçador vá verificar se o animal foi abatido, não teriam a chance de escolher o gênero do animal, menos ainda a respeito da preferência em não capturar e/ou abater uma mucura que esteja carregando filhotes. Isso acaba gerando um entrave que, segundo os entrevistados, não estaria de acordo com a preocupação em tornar a prática da caça sustentável, respeitando o período de crescimento e a reprodução do animal, uma vez que para eles é preferível que se capture o macho já na fase adulta, e caso sejam pegas fêmeas com filhotes, que estas sejam soltas. Também existe a “ratoeira”, outra armadilha preparada com materiais encontrados na mata, mas que não abateria a mucura, apenas a capturaria, dando então chance à seleção da mesma frente às particularidades relatadas. Estas racionalidades ou condutas éticas são relatadas em diversas etnografias e estudos sobre caça no contexto amazônico, onde muitas populações desenvolveram regras culturais para controlar o uso dos recursos de caça (ver Barros 2011). Outro elemento relevante é quanto ao aspecto da sociabilidade existente na atividade, quando alguns interlocutores enfatizam a importância das caçadas em grupos.

O aprendizado adquirido com as experiências da caça advém do costume dessa prática ser passada de geração em geração, uma vez que, desde jovens, os ribeirinhos tradicionalmente acompanham seus pais, tios ou avós nas caçadas, podendo então adquirir

o conhecimento necessário para que esta prática seja efetiva. Muitas vezes, na companhia de seus pais, eles puderam obter estas noções que posteriormente, com a experiência, puderam aperfeiçoar e assim passar à frente para as próximas gerações, sendo acompanhados, agora, por seus filhos, sobrinhos ou netos.

A despeito da época mais apropriada para a caça, são especificados alguns períodos do ano que seriam, de acordo com o conhecimento local, os momentos em que a espécie se encontraria com uma densidade populacional maior por ter passado a época de reprodução, que seria dos meses de agosto a dezembro, salvo em considerações postas em relatos de que a mucura se reproduziria durante o ano todo, sendo caracterizada como um animal “mineral” – termo local atribuído à capacidade do animal de se reproduzir de maneira regular, sem dificuldade. Esses períodos são os que ocorrem a safra das principais frutas da região, das quais a mucura tem preferência para se alimentar; portanto, a melhor época seria, num primeiro momento, dos meses de dezembro a março, período de “invernada”, em que frutas como o miriti (*Mauritia flexuosa*) e a manga (*Mangifera indica*) estão abundantes; e dos meses de abril a julho, período de safra de outras frutas. Uma das principais frutas consumidas na região, o açaí (*Euterpe oleracea*), tem sua época de safra do mês de agosto até janeiro. Como bem foi referido sobre a relação entre a alimentação e a facilidade em encontrar a mucura, vemos que em todos os períodos do ano é possível que se depare com ela se

alimentando junto às árvores dessas frutas, facilitando então a atividade da caça.

OS USOS DA MUCURA (*DIDELPHIS MARSUPIALIS*)

Sendo as sabedorias tradicionais resultado das experiências sobre o mundo, quanto aos seus efeitos e significados, os recursos ganham valor de acordo com o contexto natural e cultural onde são encontrados (Toledo & Barrera-Bassols 2009). Partindo desta noção busca-se entender como se dá a dinâmica sociocultural e econômica resultante da prática da caça da mucura. Tal dinâmica é percebida como fundamental quando se trata de uma forma de economia de subsistência, uma vez que o animal possui grande utilidade para a população residente na região pesquisada. A seguir apresentamos os usos alimentar, medicinal e comercial da mucura.

COMO COMIDA

A alimentação é o principal fundamento para a caça da mucura, visto que não somente na comunidade estudada, mas entre boa parte da população das ilhas e também da zona urbana, o animal é consumido, tendo em certos momentos a preferência em comparação a outros tipos de carnes. Certamente o maior consumo entre as comunidades insulares se explica pelo tipo de ambiente de várzea, onde a ocorrência da mucura é comum, não havendo uma diversidade relativamente grande de animais de caça como comumente

acontece em ambientes de floresta de terra firme (Barros 2011). Entre os ribeirinhos da Terra do Meio, onde a terra firme é o principal tipo de ambiente, Barros (2011) observou que a mucura não possui nenhum valor de uso entre os atores locais, sendo inclusive abatida pelo fato de atacar os galinheiros, além do seu odor repugnante. Um fato que também foi observado quanto à preferência entre uma mucura encontrada nas ilhas e a que vive na zona urbana é, segundo um entrevistado, a diferença na alimentação a qual ela teria acesso; sendo a cidade suscetível ao contato com a acumulação de entulhos urbanos, a mucura “criada” na cidade estaria “suja” por consumir alimentos com certo grau de contaminação, diferente da encontrada na várzea, que se alimentaria de maneira mais saudável. De fato, a literatura aponta que esta espécie possui uma plasticidade em sua dieta, sendo considerada generalista, se adaptando a qualquer tipo de alimentação em conformidade com o tipo de ambiente que ocorre (IUCN 2013). Tal diferença acaba por limitar que as pessoas possam consumir uma mucura encontrada na cidade. Mesmo assim, vimos que a frequência do consumo é muito grande, sendo uma das principais carnes de caça consumida nesta região. Na feira existente no cais da cidade, popularmente conhecida como “Beira”, facilmente se pode encontrar mucuras abatidas e tratadas para serem vendidas à população, havendo também outras espécies, como veado (*Mazama americana*), capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), jacaré (*Caiman crocodilos*). O estudo empreendido por

Baía Jr. (2006) na região de Abaetetuba confirma esta forte característica de consumo de carne de caça pelo povo abaetetubense. Este autor registrou a venda de mucura viva na feira da cidade.

A caçada da mucura é geralmente praticada por homens e quase nunca por mulheres, em contrapartida o preparo da carne para consumo familiar é de responsabilidade delas. Alguns homens relataram que também sabem preparar, mas que, no entanto, preferem que as mulheres se responsabilizem por isso, pois teriam um maior conhecimento para tal. Pudemos, a partir destes fatos e da vivência junto à comunidade, perceber que há uma organização na divisão de tarefas entre os integrantes das famílias, no que consiste a caça e a pescaria como atividades masculinas, e os cuidados com a casa, como preparação dos alimentos e organização, por parte das mulheres. Entretanto, a agricultura e os demais trabalhos manuais podem e são praticados por ambos os gêneros.

A carne da mucura chega até a ser comparada a de outros animais, como a dos bovinos, de aves como o frango, de suínos, mas que de forma específica possui um sabor que seria incomparável, sendo ela diferente das demais. Uma narrativa de um ribeirinho identificada durante as entrevistas foi interessante, pois falava que uma carne “descansada”, ou seja, de um animal que não sofreu estresse durante a caçada, seria mais saborosa para o consumo.

Foram descritos os processos de preparação da carne, também a preferência nas formas de consumo, sendo estas guisadas, assadas ou fritas no óleo. Quanto

à preparação, ela é feita colocando o animal já abatido em água quente para que facilite a retirada de sua pelagem, seguida da abertura e limpeza da parte interna, com a remoção das partes que não serão utilizadas, como a “miudagem” (as vísceras do animal), salvo quando em parte é consumida; a retirada da “catinga” (que seria “como uma massa”), neste caso as glândulas que produzem o líquido o qual possui o odor característico, encontradas nas axilas do animal. Usa-se o limão para tirar o “pitiú” (termo típico da região para se referir a mau cheiro) do sangue e a carne é temperada a gosto. Outra parte da mucura que é utilizada, mas não para fins de alimentação, é a sua gordura.

COMO REMÉDIO

A gordura ou banha, como é comumente chamada pelos ribeirinhos, é utilizada como matéria-prima para a produção de um óleo medicinal artesanal. O preparo deste remédio se inicia com a colocação da banha em panela fervendo no fogo até que fique só o óleo. Utilizam normalmente “arcanfo” (modo local de se chamar cânfora, substância extraída da canforeira [*Cinnamomum camphora*]) para aromatizar o óleo que se quer obter ao final do processo.

O óleo é empregado como anti-inflamatório, principalmente para dores na garganta, mas também para dores reumáticas, inchaços e hematomas. Pode ainda ser usado durante a gestação da mulher, pois amenizaria as dores antes e durante o parto. Há também um modo específico de manuseá-lo, que é com

o movimento das mãos massageando o local indicado no sentido de baixo para cima. Quanto à posologia, é recomendável que se use, quando necessário, numa frequência que pode variar de uma a três vezes ao dia, sendo a preferência “à boca da noite” (termo utilizado para designar o período do crepúsculo).

Foi observado pelos entrevistados que em tempos passados os seus ancestrais tinham um costume maior na produção de remédios artesanais a partir de animais e/ou plantas, mas que hoje em dia isto vem diminuindo, o que reflete uma certa dependência do uso de remédios alopáticos da medicina moderna. Esse conhecimento que “vem das raízes”, apreendido de seus antepassados, no caso do uso do óleo da mucura, foi principalmente adquirido a partir das avós e mães dos moradores, que faziam o uso em seus filhos e netos. Mas tal como a utilização de medicamentos artesanais de modo geral vem diminuindo, este costume de usar o “óleo de mucura” que foi e ainda é repassado dos mais velhos aos mais novos, está se perdendo no tempo, segundo a visão dos interlocutores. Durante as entrevistas, quando questionamos os interlocutores sobre a eficácia do uso do óleo, todos responderam positivamente, ou seja, que o uso do remédio de fato tem efeito curativo, mas estando este mecanismo vinculado a uma questão de fé no resultado que se pretende obter, o que referencia uma orientação cosmológica destas pessoas. Diversos estudos em etnozologia desenvolvidos

tanto na Amazônia (Figueiredo 1994, Silva 2008, Alves & Santana 2008, Barros et al. 2011) como fora dela (Costa Neto & Motta 2010) têm registrado o uso de matérias-primas animais com finalidades médicas, em particular as chamadas “banhas”.

PARA VENDER

O costume de caçar a mucura com finalidade comercial está presente na comunidade, mas de maneira pouco intensa, conforme nossas observações e os relatos dos ribeirinhos. É relevante destacar que na maioria dos casos a caça da mucura é para o consumo próprio da família ou para “vizinhar”, ou seja, para oferecer parte da carne ou animal inteiro como presente ao vizinho. Esta prática de reciprocidade, presente no pensamento de Mauss (2003) em seu *Ensaio sobre a Dádiva*, está caracterizada no ato de dar, receber e retribuir, e tem como finalidade estabelecer e fortalecer laços de amizade e sociabilidade entre os membros da comunidade, prática comum entre muitas comunidades rurais.

Quando a venda é objetivada, ela é praticada quando se encomenda a carne da mucura, por parte de algum indivíduo que queira consumi-la, este dentro ou fora da comunidade; até mesmo sem ser encomendada, pois como relataram: “*sempre tem quem comprar*”; na feira (a “Beira”) localizada na zona urbana do município ou em qualquer outro lugar. O preço que é empregado na venda depende do tamanho ou peso aproximado do animal, que segundo os interlocutores pode variar de 1 a 5

quilos; e o preço oscila entre R\$ 20,00 e R\$ 30,00. Em algumas ocasiões, ao visitar “a Beira”, registramos alguns feirantes vendendo mucura. Percebemos assim que o consumo da carne de mucura é um costume local enraizado através dos tempos, apesar do estigma que este animal possa carregar em outras regiões do Brasil.

ETNOECOLOGIA E SUSTENTABILIDADE DA PRÁTICA

Por ser a caça da mucura uma atividade permanentemente realizada na localidade, foi possível entender, através do contato com a comunidade, que certas precauções foram tomadas em vista da manutenção desta prática, uma vez que o recurso visado poderia diminuir ou mesmo se extinguir a partir de uma prática indiscriminada. Para tanto, a percepção local sobre a vulnerabilidade do animal como recurso para subsistência fez com que fossem adotadas alternativas para um convívio harmônico entre a comunidade local e o recurso natural em questão, neste caso, o marsupial objeto de reflexão neste texto.

Como fortalecimento desta noção, segundo representante do centro comunitário, foram recebidas orientações por parte de instituições governamentais sobre a prática sustentável da caça, ou seja, adotando certos cuidados que venham a facilitar que a mucura se reproduza de modo permanente, diminuindo o risco da espécie desaparecer em escala local. Isso reflete o que Coelho-de-Souza et al. (2011)

identificam como sendo um “processo de gestão compartilhada entre atores governamentais e a sociedade civil organizada” na busca do diálogo entre saberes como ferramenta para ações na “gestão da biodiversidade e a valorização dos saberes e práticas das comunidades locais” (Coelho-de-Souza et al. 2011:41). Com efeito, estudos no campo da etnoecologia são de grande relevância pelo fato de registrar os etnoconhecimentos de povos locais acerca do meio ambiente e os recursos nele presentes, as formas de uso e o valor atribuído, possibilitando, como já enfatizado, o diálogo entre pesquisadores e atores locais, e a mediação com o Estado.

Partindo dos relatos proferidos por membros da comunidade, pudemos ter ideia de como estes reconhecem a atual situação vivida a respeito da quantidade de mucuras encontradas na região. Uma boa parte dos entrevistados informou que o número de mucuras diminuiu por diversos motivos. Seja pelo fato da atividade de caça ter se intensificado e se tornado indiscriminada por conta da possibilidade da comercialização da carne e conseqüente obtenção de recursos financeiros, como observou um dos entrevistados que a caça predatória vem sendo o fator fundamental para a diminuição da quantidade de mucuras, pois já identificou que alguns caçadores não se importam com a questão da reprodução e caçam tanto machos como fêmeas; ou devido ao desmatamento de algumas áreas para a construção de habitações com o intuito de abrigar novas famílias, pois, segundo alguns interlocutores,

a população local nos últimos anos vem crescendo, ficando o habitat do animal comprometido em algumas localidades. Por este motivo a atividade predatória de alguns animais sobre a mucura tem sido facilitada, pois sem a mata para se abrigar, a mucura fica mais vulnerável aos predadores, como urubus, corujas e gaviões. Contam ainda que antigamente era possível se ouvir o som dos animais mais próximo às casas e que as mucuras “vinham até a beira” do rio para buscar alimento.

Em contrapartida a estes relatos, outros informaram que não perceberam que a quantidade diminuiu. Como um entrevistado que afirmou que “*está do mesmo jeito*”, pois a mucura seria o animal mais “mineral”, ou seja, como já informado acima, teria a capacidade de se reproduzir sem dificuldades. Outros entrevistados informaram que a quantidade de mucura teria até aumentado, pois acreditam que hoje em dia as oportunidades em angariar recursos financeiros por meio do trabalho vêm facilitando a vida dos ribeirinhos na região, dando possibilidade para que se adquiram outros alimentos que não sejam por meio da necessidade da caça. Acreditamos, com base nas observações feitas no local, que a última alternativa pode ser a mais aceitável, entretanto, não temos argumentos seguros para defendê-la.

No entanto, muitos são os cuidados para que a reprodução da mucura se dê sem dificuldades, também em consequência das orientações recebidas pelo centro comunitário. De maneira geral os entrevistados, quando questionados

sobre qual a atitude que tomam quando tem a oportunidade de capturar uma fêmea portando filhotes, responderam com propriedade que as soltam. Hoje em dia, percebendo que o abate das fêmeas nesta situação seria danoso, respeitam a reprodução da mucura, pois têm a noção de que se não adotarem certos costumes que visem a manutenção dos recursos, neste caso do animal, um dia não poderão mais obter esta caça, já que reconhecem a mucura como sendo de vital importância para o meio ambiente em que vivem, bem como para sua própria subsistência, pois como observam Yonés & Garay (2006), o grau de conservação das espécies depende da urgência das necessidades e “do saber cultural sobre as perdas de recursos no passado assim como de outras variáveis”. Por isso, em alguns casos em que a caça é praticada por meio de outras técnicas, como o uso de armadilhas, não utilizam o “mundé”, pois este, como foi comentado anteriormente no texto, não daria chance ao caçador de selecionar a mucura que seria abatida. Então, por isso, utilizam a ratoeira que apenas capturaria o animal, podendo o caçador optar por não abater uma fêmea grávida ou em período reprodutivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Temos como elemento fundamental a importância sociocultural e econômica que a mucura representa para a comunidade ribeirinha da mata de várzea amazônica de Abaetetuba, no Pará. Tal relevância é traduzida por um vasto etnoconhecimento existente, demonstrando

uma forte interação entre o homem e o meio ambiente, nos remetendo à noção de etnobioidiversidade. Muito embora possamos perceber algumas contradições nas falas do conjunto dos entrevistados, ainda assim apostamos na existência de uma atitude de respeito para com o recurso cinegético em destaque, a mucura, entre a maioria dos moradores.

Concluimos defendendo que os etnoconhecimentos são imprescindíveis quando se busca compreender as dimensões humanas da biodiversidade, visto que cada vez mais se faz necessária a apreensão do conhecimento ecológico tradicional para um melhor entendimento sobre o ambiente natural no qual vivemos, ainda mais quando se trata da Amazônia, que possui uma diversidade biocultural incontestável. É partindo desta ideia que a perspectiva etnoecológica se apresenta como sendo essencial para que uma série de propósitos, referentes à conservação, manejo ou uso sustentável dos recursos naturais, seja eficiente no que tange às considerações ensejadas para a manutenção da vida, não somente humana, mas dos seres vivos como um todo. Para tanto, a prática sustentável de atividades que visem à apropriação dos recursos encontrados na natureza, necessita que os conhecimentos científico e tradicional se apresentem em constante diálogo para a concretização da conservação consciente da biodiversidade e valorização da cultura.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a comunidade Maracapucu Sagrado Coração de Jesus (Abaetetuba, Pará), pela disponibili-

dade em participar da pesquisa e pelas aprendizagens oportunizadas. Aos professores Gustavo Martínez e Juan Martín Dabezies, que organizaram o Grupo de Trabalho Etnoecologia, durante a X Reunião de Antropologia do Mercosul, evento ocorrido em Córdoba, Argentina, onde uma versão preliminar desse artigo foi apresentada. A PROPESP/UFPA, pela bolsa de iniciação científica concedida ao primeiro autor.

REFERÊNCIAS

- Alves, R. R. N. & G. G. Santana. 2008. Use and commercialization of *Podocnemis expansa* (Sshweiger 1812) (Testudines: Podocnemididae) for medicinal purposes in two communities in North of Brazil. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 4(3):6.
- Baía Jr, P. C. 2006. Caracterização do uso comercial e de subsistência da fauna silvestre no município de Abaetetuba, PA. Dissertação de Mestrado em Ciência Animal. Universidade Federal do Pará, Universidade Federal Rural da Amazônia, Embrapa Amazônia Oriental, Brasil. 128p.
- Barros, F. B. 2011. Biodiversidade, uso de recursos naturais e etnoconservação na Reserva Extrativista Riozinho do Anfrísio (Amazônia, Brasil). Dissertação de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Biologia da Conservação, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. 223p.
- Barros, F. B., S. A. M. Varela, H. M. Pereira & L. Vicente. 2011. Medicinal use of fauna by a traditional community in the Brazilian Amazonia. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine* 8(37): 1-20
- Carvalho, A. R. 2002. Conhecimento ecológico tradicional no fragmento da planície de inundação do alto rio Paraná: percepção ecológica dos pescadores. *Acta Scientiarum* 24(2):573-580.
- Coelho-de-Souza, G., J. B. Bassi & R. R. Kubo. 2011. Etnoecologia: Dimensões Teórica e Aplicada, in *Transformações no Espaço Rural*. Editado por G. Coelho-de-Souza, pp. 25-47. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Costa-Neto, E. M. & P. C. Motta. 2010. Animal species traded as ethnomedicinal resources in the Federal District, Central West Region of Brazil. *The Open Complementary Medicine Journal* 2:24-30.
- Diegues, A. C. & R. S. V. Arruda. 2001. *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. São Paulo: USP. 119p.
- Emmons, L. H. & F. Feer. 1997. *Neotropical rainforest mammals, a field guide*. 2a. ed. Chicago: The University of Chicago Press.
- Figueiredo, N. 1994. Os “bichos” que curam: os animais e a medicina de “folk” em Belém do Pará. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, série Antropologia* 10 (1): 75-91.
- Frazão-Moreira, A. 2010. A natureza em perspectiva: reflexões sobre saberes ecológicos locais e conhecimentos científicos, in *Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação*. Editado por A. G. C. Alves et al., pp. 73-88. Série Estudos & Avanços. Recife: NUPEEA.
- Huntington, H. P. 2000. Using traditional ecological knowledge in science: methods and applications. *Ecological Applications* 10(5): 1270-1274.
- INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE (IUCN). 2013. Red list of threatened species. <http://www.iucnredlist.org>. (acessado em 13/05/2013).
- Johannes, R.E. 1989. *Fishing and traditional*

knowledge: a collection of essays. Gland: IUCN, The World Conservation Union.

Mauss, M. 2003. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify. 563p.

Marques, J. G. W. 2001. *Pescando pescadores: ciência e etnociência numa perspectiva ecológica*. 2a. ed. São Paulo: NUPAUB/USP. 258p.

Silva, A. L. 2008. Animais medicinais: conhecimento e uso entre as populações Ribeirinhas do Rio Negro, Amazonas, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Ciências Humanas* 3:343–357.

Spradley, J. P. 1980. *Participant observation*. New York: Holt, Rinehart and Winston Ed.

Toledo, V. M. M. & N. Barrera-Bassols. 2009. A etnoecologia: uma ciência pós-normal que estuda as sabedorias tradicionais. *Desenvolvimento e Meio Ambiente* 20: 31-45.

Yonés, T. & I. Garay 2006. As dimensões humanas da biodiversidade: o imperativo das abordagens integrativas in *Dimensões humanas da biodiversidade: o desafio de novas relações sociedade-natureza no século XXI*. Editado por I. Garay & B. K. Becker, pp. 57-72. Petrópolis: Vozes.

Recebido em 18/07/2013.

Aprovado em 14/08/2013.